

NOTA EDITORIAL

MEMÓRIAS DE JOSÉ BRANDÃO

O meu amigo José Brandão (1944-2025), militante antifascista, professor universitário e o melhor dos *designers* gráficos portugueses, é um marco numa geração extraordinária que quis mudar tudo, ou quase tudo, no mundo à sua volta.

Fomos apresentados pelo Bernardino Gomes, que, salvo erro, tinha começado a trabalhar com ele na Perspectivas&Realidades, a editora ligada ao Partido Socialista para a qual fez a magnífica capa d'O *Triunfo dos Porcos*, o livro de George Orwell que resumia a linha antitotalitária dos soaristas depois da Revolução. O Carlos Monjardino, que lhe pediu para fazer a linha gráfica da Fundação Oriente, era outro amigo comum – o João Monjardino era o melhor amigo do José em Londres, onde ambos estiveram exilados nos anos de 1960. E, claro, o José era casado com a Salette, artista e *designer* como ele e minha amiga de infância.

Em 1985, pedi-lhe para fazer a linha gráfica da Associação Portuguesa para o Estudo das Relações Internacionais (APRI), dirigida por Rui Machete e Emanuel Jardim, assim como a da conferência internacional sobre a integração europeia de Portugal, que organizei para a APRI na Fundação Calouste Gulbenkian, nas vésperas da entrada nas Comunidades Europeias – uma conferência decisiva que trouxe a Portugal a maioria dos comissários europeus, num momento em que a assinatura do tratado de adesão era fortemente contestada pelas elites portuguesas à esquerda e à direita.

No ano seguinte, Portugal entrou nas Comunidades Europeias e Mário Soares foi eleito Presidente da República. O Bernardino pediu a José Brandão para fazer a linha gráfica da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, cujo primeiro presidente foi Rui Machete, enquanto Mário Soares, com quem comecei a trabalhar em Belém, o convidou para desenhar a edição dos volumes anuais dos discursos do Presidente da República. Dez anos depois, foi a vez do Presidente Jorge Sampaio convidar o seu amigo José Brandão para continuar o exercício durante mais uma década.

Em 1986, o José fez comigo e com o Vasco Rato a nova revista portuguesa de relações internacionais – a *Política Internacional*. Na capa do primeiro número, o José desenhou Lenine a escrever o futuro da história na cabeça de Gorbachev, que acabava de ser

nomeado secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Foi a primeira de dezenas de magníficas capas desenhadas por ele, primeiro para a *Política Internacional*, depois para a *Relações Internacionais (R:I)*. No primeiro número da *Relações Internacionais* a capa é mais clássica, uma variação da *Batalha de San Romano*, de Paolo Uccello. As capas não só definem a identidade das duas revistas – as únicas revistas de relações internacionais com capas originais –, como, na minha opinião, têm um lugar próprio na obra de José Brandão.

O José fez a capa do meu primeiro livro – o *Rumo à Memória. Crónicas da Crise Comunista* –, que publiquei na Quetzal, com o Vasco Rato, em 1992. Mais uma vez, Lenine, no fim da vida, deitado numa *chaise-longue*, com cores soviéticas.

Entre 1996 e 1998, voltámos à Gulbenkian, onde organizei o ciclo plurianual de conferências internacionais sobre a Europa, com António Barreto e Diogo de Lucena, a pedido do presidente da Fundação, Ferrer Correia. Nesse processo, Ferrer Correia pediu ao José Brandão, que desenhou a linha gráfica das conferências, para reconstituir o próprio símbolo gráfico original da Fundação Gulbenkian. Embora nem todos o saibam, os símbolos das três principais fundações portuguesas têm a mão de José Brandão.

Em 2004, eu próprio, o Nuno Severiano Teixeira, o Vasco Rato e o António Nogueira Leite decidimos criar o Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) na Universidade NOVA de Lisboa, com o apoio da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, da Fundação Oriente e da Fundação Calouste Gulbenkian. Eu e o Nuno pedimos ao José para fazer a linha gráfica do IPRI, marcada por um vermelho carregado, e da sua revista, a *Relações Internacionais*, em que continuou a fazer capas brilhantes, frequentemente em contraponto aos temas da revista.

Pudemos contar sempre com ele e com o B2 – o *atelier* que criou com a Salette e, mais tarde, com o seu filho João – para as iniciativas do IPRI. Quarenta anos depois, a nossa colaboração no IPRI e na *Relações Internacionais* continua com o B2 e o João Brandão.

Carlos Gaspar

Membro da Direção do IPRI-NOVA